

Alienação e Separação de um sujeito em imisção de outredade

Gostaria de começar esse trabalho fazendo uma provocação a certo modo de pensar a psicanálise que, afinal, não é um modo típico de uma linha específica do pensamento psicanalítico, senão que pode estar presente em várias ou mesmo em todas elas. Minha provocação é a seguinte: “A psicanálise padece de reminiscências”.

Refiro-me ao fato de que a seta da pesquisa psicanalítica, raramente, se encontra apontada para o futuro. Estando aliás, constantemente, apontada para o legado de seu criador como única forma de poder validar qualquer pensamento em psicanálise.

Minha proposta é de que a leitura que sustento fazer do texto lacaniano seja atrevida o bastante para poder explorar sua eventual fertilidade sem precisar da tutela ou endosso de quem quer que seja, a se arvorar como quem tem o papel institucional de validador da leitura de Lacan.

Cada uma das linhas em psicanálise embora busque definir como objeto o inconsciente e seus efeitos, tem uma especificidade epistemológica própria que dá consistência a seu plano de imanência conceitual criando, portanto, fronteiras teóricas que precisam ser respeitadas. O que, é claro, não impede e nem deve impedir as inteirações dialéticas dessas diversas posições psicanalíticas, não para acomodá-las numa planificação homogeneizante, mas sim para destacar diferenças e estimular o diálogo criativo entre os analistas.

Peço paciência ao leitor, pois para realizar o trabalho que me propus, precisarei seguir o texto de Lacan muito de perto para extrair dele os elementos a serem elaborados aqui. Essa metodologia pode ser mais exigente, mas talvez possa ser recompensadora pelo aspecto de seriedade com que o tema será tratado e quanto aos desenvolvimentos propostos.

O primeiro aspecto que gostaria de destacar diz respeito ao modo como Lacan trabalha o inconsciente e sua relação com a posição do analista. Diz ele:

“... os psicanalistas fazem parte do conceito de inconsciente, posto que constituem seu destinatário. Por conseguinte, não podemos deixar de incluir nosso discurso sobre o inconsciente na própria tese que o enuncia, a de que a presença do inconsciente, por se

situar no lugar do Outro, deve ser buscada, em todo discurso, em sua enunciação. Nessa hipótese, o próprio sujeito do pretendente a sustentar essa presença, o analista, deve, com o mesmo movimento, ser informado e 'questionado', ou seja, experimentar-se sujeitoado à fenda do significante." Pg. 848. (Posições do inconsciente – 1964)

Lembremos que Lacan sustenta duas posições discursivas: o enunciado ligado como tal ao eu e definido também como campo da sugestão e a enunciação, ligada ao sujeito do inconsciente como efeito gerado nos interstícios do significante onde se define o campo que estrutura a transferência. Atentemos também para o fato de que a posição lacaniana quanto ao analista, como sendo também um sujeito dividido, impede qualquer tentação de que o analista possa se apresentar como modelo do que quer que seja para o analisando. E de modo algum como fiel da balança para avaliar uma suposta sanidade pretendida como unificação referida a uma pretensa maturidade genital.

Para seguir nesta linha, observemos como ele se refere à posição do sujeito do inconsciente em sua relação com a linguagem:

“O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta. (o analista no caso). Pg. 849. Posições do Incs.

Observem que podemos constatar a posição de Lacan com relação ao sujeito como um efeito de linguagem, como uma condição de existência marcada pelo tempo do “terá sido”, jamais sustentável, na posição presente do ser que é, mas sempre como inefável e nunca, jamais, cabível numa classificação que se sustente no inatismo.

Quero a partir desse ponto trazer uma temática que considero de suma importância, pois organiza minha compreensão sobre o encontro analítico. Lacan faz com alguma frequência, especialmente no seminário VIII, “A transferência” (1960/61), uma crítica a abordagens em psicanálise que supõem como o suporte do acontecimento psicanalítico, uma relação intersubjetiva e, portanto, simétrica. A condição essencial para o ato analítico é que o analista não se detenha em sua presença como semelhante, mas como decorre da citação acima, que ele ocupe uma posição simbólica como outro significante. No esquema abaixo, busco representar como se configura o encontro analítico referindo a posição do

sujeito como resultante da oposição de dois significantes. O primeiro S1, seria um significante do analisante enquanto S2 seria um significante oposto pelo analista como forma de corte no discurso. Temos aí o esboço do ato analítico.

S1(significante do analisante) \ \$ / S2(significante do analista)

Para dar um passo a mais em minha posição sobre a clínica psicanalítica trago para a discussão uma formulação que considero imprescindível para a compreensão do alcance do ato analítico e para o conceito de sujeito, trata-se da noção de *imissão de outredade* (Em português, temos dois termos possíveis, um com ss que significa dar posse legal de algo a alguém que tem esse direito e outro termo com sç que significa mistura, mas uma mistura que não permite mais resgatar a condição original de cada um dos elementos misturados: como duas tintas de cores diferentes que irão, depois de misturadas, compor uma nova cor).

Penso ser importante referir aqui alguns textos onde Lacan trabalha o termo para tentar desenvolver e talvez propor um recorte mais conceitual do mesmo. começarei por lembrar que Lacan participou de um simpósio internacional no Centro de Humanidades da John Hopkins em Baltimore no ano de 1966. Lembro a vocês que o título da conferência de Lacan foi proposto, em inglês, e ele usava o termo “immixing”. O título em português, livremente traduzido por mim seria o seguinte: “Da estrutura como imissão de outredade como pré-requisito para qualquer sujeito”.

Nessa conferência em Baltimore, Lacan repete sua antiga fórmula (Já citada em *Função e Campo da fala e da linguagem* - 1953), sobre o inconsciente ser estruturado como uma linguagem. E, nesse ponto, afirma que, trata-se aí de uma redundância porque “estruturado” e “como uma linguagem” significam exatamente a mesma coisa. É preciso acrescentar aqui o elemento definitivo para o conceito de *imissão de outredade*, qual seja, o de que o inconsciente é o discurso do Outro. Considere-se a partir disso, que o discurso do Outro é fundante da posição subjetiva, pois não há sujeito que não se articule ao discurso do Outro. Voltarei a isso mais adiante na discussão sobre *alienação e separação*.

Localizo aqui alguns momentos em que a noção de “*imissão de outredade*”, ainda que nomeada de formas distintas, pois são textos anteriores à referida conferência, aparecem na obra de Lacan. Escolhi, para tanto, dois momentos do seminário 2, sobre “O

eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (1954/55), quando Lacan trata do “sonho da injeção de Irma”.

“Há duas operações — ter o sonho e interpretá-lo. Interpretar é uma operação na qual nós intervimos. Mas não se esqueçam de que, na maioria dos casos, intervimos também na primeira. Numa análise não intervimos unicamente na medida em que interpretamos o sonho do sujeito — se é que o interpretamos —, mas como já estamos, a título de analistas, na vida do sujeito, já estamos em seu sonho”. Pg. 194.

“O limiar é transposto. Após a primeira parte, mais carregada, imaginária, entra, no fim do sonho, aquilo que poderíamos denominar a multidão. Mas é uma multidão estruturada, como a multidão freudiana. Eis porque eu preferiria introduzir um outro termo, que vou deixar para que meditem com todos os duplos sentidos que comporta — a imissão (imissão) dos sujeitos. Pg. 204.

Outro lugar onde Lacan retoma o termo, também anterior à conferência, é no Seminário 3 (1955/56), “As psicoses”, tratando da questão do significante e do significado, Lacan nos diz:

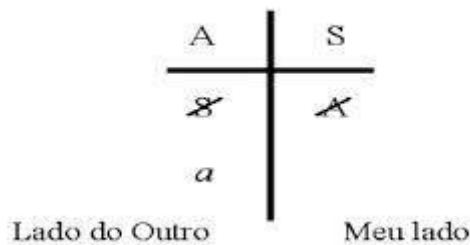
“Mas em nome da fantasia, onipresente na neurose, ligados que estamos à sua significação, esquecemos a sua estrutura, a saber: que se trata de significantes, de significantes como tais, significantes que a significação permanece muito frequentemente problemática. O que tornamos a encontrar nessa sintomatologia implica sempre o que lhes indiquei no ano passado a propósito do sonho da injeção de Irma — a imissão de sujeitos.

O propósito da dimensão intersubjetiva é que vocês têm no real um sujeito capaz de servir-se do significante como tal, isto é, não para informá-los, mas, precisamente para iludi-los (Já que um significante não significa nada). Essa possibilidade é o que distingue a existência do significante. Mas isso não é tudo. Desde que haja sujeito e uso do significante, há uso possível do entre-eu, isto é, do sujeito interposto. Essa imissão dos sujeitos é um dos elementos mais manifestos do sonho da injeção de Irma. Lembrem-se só dos três doutores chamados um a um por Freud, que quer saber o que há na garganta de Irma. E essas três personagens burlescas operam, sustentam as teses, só dizem besteira. São os entre-eu, que desempenham aí um papel essencial.” Pg. 220/221.

Feita essa rápida apresentação histórica do termo em Lacan, quero trazê-lo para outro ponto onde, inevitavelmente, a possibilidade da leitura que estou propondo toma seu lugar. Gostaria de recuperar o esquema da divisão do sujeito trabalhada por Lacan no seminário 10, “A angústia” 1962/63, a fim de explorarmos um pouco mais sua

conceituação sobre a divisão subjetiva e sua inevitável posição de “*imissão de outredade*”.

Figura 1 – Fórmula 1 da divisão subjetiva



Fonte: Lacan (1962-1963/2006).

Lacan apresenta assim a fórmula da divisão subjetiva, a partir dos termos originais que tem de um lado o Outro em posição potencial ou supra pessoal, campo da linguagem e de outro um sujeito também potencial, indeterminado. A cada um deles é destinado um lado específico, que Lacan chamou de “lado do Outro” e “Meu lado”. O que se representa nessa divisão é que o Outro passará o “Meu lado” como o discurso que organiza o que definimos como inconsciente. O inconsciente é o discurso do Outro, nos disse Lacan. Enquanto, no “lado do Outro”, advirá a posição de sujeito barrado como efeito do encontro significativo. Esta operação gera um resto, a extração do *objeto a* como resultado da castração.

Minha posição quanto à divisão subjetiva assim proposta por Lacan é que ela, inevitavelmente, pode ser lida como produtora de uma imissão de outredade na medida em que o discurso do Outro surge como inconsciente do “Meu lado” e o sujeito aparecerá do “lado do Outro”.

O próximo momento que eu destacaria, seria o seminário 16, “de um Outro ao outro” (1968/69). Na linha do que tenho pesquisado, penso que encontraremos aí uma outra maneira de referir o conceito de *imissão de outredade* e que estaria na relação que Lacan constrói entre o sujeito e o Outro, aqui tratada como um par que se combina numa reprodução serial que carregaria suas proporções num desdobramento infinito enquanto perspectiva do campo metonímico. Lacan trata a questão da implicação serial dos termos (a e 1), utilizando a sequência de Fibonacci. Poderíamos enunciá-la da seguinte maneira, dados dois termos iniciais, 0 e 1, teremos a seguinte série:

0→1, 1, 2, 3, 5, 8, 13....

Usando a escrita de Lacan (1 e a) no texto citado, onde logicamente a é menor que 1, pois é o que resta do efeito da castração que cinde o \mathcal{A} e o \mathcal{S} , poderíamos representar essa série da seguinte maneira:

↓ 1

1 + a

2 + a

3 + 2 a

5 + 3 a

8 + 5 a

Depois de recortar esses momentos do texto lacaniano para apoiar a leitura que estou propondo, quero retomar a sequência do que lhes estou propondo neste texto. Haveremos de seguir as linhas de consequência que ela determina. Trago uma citação de Lacan para enfatizar de que posição de sujeito falamos quando o seguimos de perto para referendar as operações que determinam esse sujeito:

“Com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende, e tão mais forçosamente quanto, antes de — pelo simples fato de isso se dirigir a ele — desaparecer como sujeito sob o significante em que se transforma, ele não é absolutamente nada. Mas esse nada se sustenta por seu advento, produzido agora pelo apelo, feito no Outro, ao segundo significante.

Efeito de linguagem, por nascer dessa fenda original, o sujeito traduz uma sincronia significante nessa pulsação temporal primordial que é o fading constitutivo de sua identificação. Esse é o primeiro movimento. (Trata-se da alienação que trabalharemos um pouco mais adiante)

Mas, no segundo, havendo o desejo feito seu leito no corte significante em que se efetua a metonímia, a diacronia (chamada “história”) que se inscreveu no fading retorna à espécie de fixidez que Freud atribuiu ao voto (saudação) do inconsciente (última frase da Traumdeutung).

Esse suborno (eu quase diria encantamento) secundário não apenas conclui o efeito da primeira, projetando a topologia do sujeito no instante da fantasia, mas, sela-o, recusando

ao sujeito do desejo que ele se saiba efeito de fala, ou seja, que saiba o que ele é por não ser outra coisa senão o desejo do Outro.

É nisso que todo discurso tem o direito de se considerar, por esse efeito, irresponsável. Todo discurso, exceto o daquele que ensina, quando ele se dirige a psicanalistas.” Pg. 849/50. Posições do Incs.

Penso que é de extrema importância assumirmos uma posição diante do que foi dito. É preciso entender que aqui Lacan fala da impossibilidade, do ponto de vista psicanalítico, de se imputar responsabilidade subjetiva. Ao humano enquanto cidadão, cabe acolher a lei e se responsabilizar por seus atos, mas esses atributos não são cabíveis ao sujeito do inconsciente tal como o define Lacan. Como culpar alguém por sua posição desejanse? Como esperar que o padecimento neurótico possa ser redimido pela proposição de que o analisante se responsabilize por seu sintoma? Talvez isso faça todo sentido numa proposta terapêutica que sustente o sujeito como centrado na consciência, mas como admitir isso na psicanálise com seu sujeito dividido?

Na sequência, Lacan trata de situar a ação do analista frente ao que ele define como inconsciente e que tem sua posição lógica no que ele chama de hiância, acompanhemos:

“Hiância, pulsação, uma alternância de sucção, para seguirmos certas indicações de Freud: é disso que precisamos dar conta, e foi isso que tratamos de fazer fundamentando-o numa topologia. A estrutura daquilo que se fecha inscreve-se, com efeito, numa geometria em que o espaço se reduz a uma combinatória: ela é, propriamente falando, o que ali se chama uma borda. Ao estudá-la formalmente nas consequências da irreducibilidade de seu corte, nela poderemos reordenar algumas funções, entre a estética e a lógica, das mais interessantes.” Pg. 852 (Posições do In)

Vale lembrar que a partir dessa definição de hiância e da pulsação do inconsciente, podemos localizar, por conseguinte, o lugar clínico onde encontramos as neuroses e as perversões. Elas poderiam ser descritas como fazendo parte da clínica da hiância. Na ausência desse modelo, por não inscrição no Outro da lei da castração, da lei como falta, que Lacan definiu como forclusão do Nome-do-Pai, teremos a clínica da holófrase, cuja manifestação mais candente é a psicose.

Voltando à divisão subjetiva, que tomei pouco antes, e minha leitura dessa divisão como promovendo imissão de outredade, Lacan afirma:

“Havendo fechamento e entrada, não está dito que eles se separam: eles dão a dois campos seu modo de conjunção. Esses são, respectivamente, o sujeito e o Outro, só devendo esses campos ser substantivados aqui a partir de nossas teses sobre o inconsciente.

O sujeito, o sujeito cartesiano, é o pressuposto do inconsciente, como demonstramos no devido lugar.” Pag. 853 (Posições do inconsciente)

Faço aqui uma interrupção na citação para poder desenvolver um aspecto etimológico que considero ser importante para compreender o estatuto do sujeito lacaniano. Seguindo o percurso etimológico de pressuposto, esbarramos com o termo hipótese. Uma hipótese, (do grego antigo ὑπόθεσις, transl. hypóthesis, composto de hypo, 'sob', 'abaixo de', e thésis, 'posição') nos leva a suposição ou especulação que é uma formulação provisória, com intenções de ser posteriormente demonstrada ou verificada, constituindo uma suposição admissível. Todos esses termos têm, portanto, a mesma raiz etimológica: sujeito, pressuposto, suposição e hipótese.

E além de terem o mesmo valor etimológico, cabe lembrar que Lacan deixa claro seu jogo com a duplicidade da palavra francesa para sujeito (sujet), que significa, ao mesmo tempo, sujeito e assunto ou ainda tema ou tópico. O que retira do sujeito do inconsciente qualquer possibilidade de atribuição de estatuto ontológico.

Sigo então, para concluí-la, a citação de Lacan:

O Outro é a dimensão exigida pelo fato de a fala se afirmar como verdade.

O inconsciente é, entre eles, seu corte em ato. (S1 \$ S2) Quer dizer que não há perenidade no inconsciente, é necessário um ato para revelá-lo, o ato analítico.

Encontramos esse corte comentando as duas operações fundamentais em que convém formular a causação do sujeito. Operações que se ordenam por uma relação circular, mas, no entanto, não-recíproca. (Alienação/Separação) Pag. 853/54. (Posições do Inc.)

O que Lacan está estabelecendo com isso que acabou de afirmar, é que em termos da lógica do inconsciente, alienação e separação não tem antecedência cronológica de uma sobre a outra. Estaríamos seguindo aqui uma articulação do tempo como lógico e, se circular, não há como dizer que algo vem antes ou depois — alienação e separação são circulares no seu ordenamento e ainda não recíprocas porque o que circula de alienação para separação não é igual ao que retorna de separação para alienação. Como já foi citado acima, o sujeito é um pressuposto do inconsciente e o Outro é a dimensão exigida pelo

fato da fala se afirmar como verdade, ou seja, o Outro como aquele que não engana. Alienação e Separação são as operações que causam o sujeito.

Alienação

Seguirei Lacan acompanhando seu texto e abrindo espaços para comentários no sentido de promover uma certa ampliação do mesmo. Como tenho feito até aqui, farei os meus comentários dentro da citação que está em itálico, usando texto normal.

“A primeira, a alienação, é própria do sujeito. Num campo de objetos, não é concebível nenhuma relação que gere a alienação, a não ser a do significante. Tomemos por origem o dado de que nenhum sujeito tem razão de aparecer no real, salvo por nele existirem seres falantes. Concebe-se uma física que dê conta de tudo no mundo, inclusive de sua parte animada. Um sujeito só se impõe nela por haver no mundo significantes que não querem dizer nada e que têm que ser decifrados. (O sujeito não está implicado na física do mundo, advém nela pelo efeito do significante).

Conferir essa prioridade ao significante em relação ao sujeito é, para nós, levar em conta a experiência que Freud nos descortinou, a de que o significante joga e ganha (joga na medida em que se articula com todos os outros significantes e ganha no sentido de sua supremacia sobre o significado), por assim dizer, antes que o sujeito constate isso, a ponto de, no jogo do Witz, do chiste, por exemplo, ele surpreender o sujeito. Com seu flash, o que se ilumina é a divisão entre o sujeito e ele mesmo.

Mas o fato de se revelar não deve mascarar para nós que essa divisão não provém de outra coisa senão do mesmo jogo, o jogo dos significantes...dos significantes, e não dos signos.

Os signos são plurivalentes: sem dúvida representam alguma coisa para alguém; mas, desse alguém, o status é incerto, como o é da pretensa linguagem de certos animais, linguagem de signos que não admite metáfora nem gera a metonímia.

Esse alguém, em última instância, pode ser o universo (ou uma pessoa, ou ainda, o campo da ciência), uma vez que nele circula, dizem-nos, a informação. Todo centro em que ela se totaliza pode ser tomado por alguém, mas não por um sujeito. (Pensemos, a título de exemplo para esta referência, no significado que tem para nós um instrumento de busca como o Google, que é sem dúvida um lugar onde se busca a totalização do saber.)

O registro do significante institui-se pelo fato de um significante representar um sujeito para outro significante. Essa é a estrutura, sonho, lapso e chiste, de todas as formações do inconsciente. E é também a que explica a divisão originária do sujeito. Produzindo-se o significante no lugar do Outro ainda não discernido, ele faz surgir ali o sujeito do ser que ainda não possui a fala, mas ao preço de cristalizá-lo. O que ali havia de pronto para falar

— nos dois sentidos que o imperfeito do francês dá ao *il y avait* [houve/havia], o de colocá-lo no instante anterior: lá estava e não está mais; porém também no instante posterior: por pouco mais lá estava por ter podido lá estar —, o que lá havia desaparece, por não ser mais que um significante.

Portanto, não é o fato de essa operação se iniciar no Outro que a faz qualificar de alienação. Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significativa só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito pode ser a causa de si mesmo.” Pag. 853/854/855. (PI).

Lacan tomará a seguir, alienação e separação do ponto de vista da lógica:

“A alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa. Avancemos na estrutura lógica. Essa estrutura é a de um *vel* novo por produzir aqui a sua originalidade. Para isso, é preciso derivá-lo do que se chama, na lógica dita matemática, uma reunião (já reconhecida como definindo um certo *vel*)”. Pg.855

Lembrando que *vel* em latim quer dizer ou. Adiante aqui, que em lógica proposicional o *vel* (ou), equivale a uma disjunção que pode ser inclusiva e exclusiva, mas o fundamental, é que Lacan destaca com clareza que está propondo um *vel* novo (ou seja, nem inclusivo, nem exclusivo). Para exemplificar, digamos que o *vel* inclusivo se referiria à: para estes cargos serão selecionados homens ou mulheres. Já para o *vel* exclusivo teríamos o seguinte exemplo: para este cargo, será selecionado José ou João. Portanto, seguindo esta lógica e considerando o *vel novo* que Lacan destaca, poderíamos escrever que o sujeito é alienado entre S1 e S2 por não ser, nem um nem outro. Como se sustenta isso? Somente se levarmos em conta a lógica do significante, ou seja, que S1 ou S2, em si, não significam nada – nem um, nem outro.

Na sequência, Lacan aborda a questão do *vel* a partir da teoria dos conjuntos, e nos diz que:

“Essa reunião (união U) é tal que o *vel* que dizemos de alienação só impõe uma escolha entre seus termos ao eliminar um deles, sempre o mesmo (o igual, o identificado), seja qual for essa escolha.” Pg. 855.

Para ampliar o raciocínio, na teoria dos conjuntos, considerando especificamente o elemento União, podemos propor, como exemplo, a união do conjunto A {1,2,3,4} e B {3,4,5,6,7} resultando em $A \cup B = \{1,2,3,4,5,6,7\}$. Ou seja, o igual, o mesmo, o identificado desaparece sobrando uma combinatória nomeável apenas como um conjunto, o conjunto dos significantes, que por si sós não significam nada, não identificam.

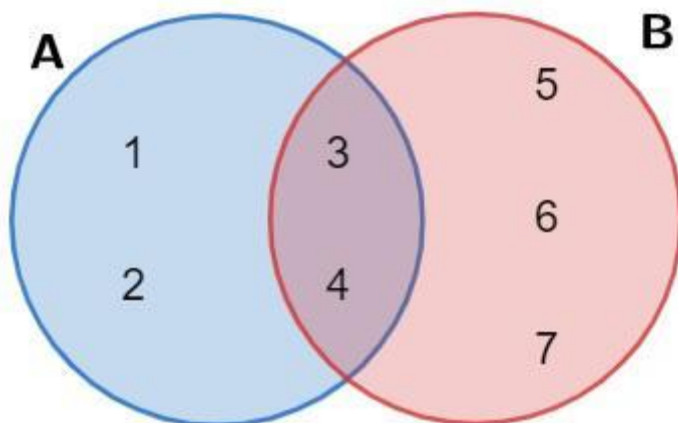


Diagrama de Venn U

Separação

Para completar seu raciocínio sobre o que chamou de operação circular não recíproca, Lacan propõe:

“Passemos à segunda operação, onde se fecha a causação do sujeito, para nela constatar a estrutura de borda em sua função de limite, bem como na torção que motiva a invasão do inconsciente. A essa estrutura chamaremos: separação.” Pg. 856.

Lembremos de que a separação advém do lado do Outro e repercute, portanto, na causação do sujeito na medida em que o articula a uma posição objetual. Se do lado da alienação o sujeito é marcado pelo que Lacan chamou de *faiding*, definindo-o como falta-a-ser que se processa como metonímia do desejo, do lado da separação teremos a partir da *extração do objeto a*, a articulação de sujeito e objeto pela fantasia inconsciente promovendo, por um efeito criativo de metáfora, a passagem do sujeito a uma relação possível com seu desejo. Sujeito e Outro separados, mas articulados pelo objeto *a* como resultado da castração.

Continuamos seguindo Lacan:

*“A forma lógica que essa segunda operação vem modificar dialeticamente chama-se, na lógica simbólica, interseção (\cap), ou o produto que se formula por um pertencimento *a-* e *à-*. Essa função modifica-se, aqui, por uma parte retirada da falta pela falta, através da qual o sujeito reencontra no desejo do Outro sua equivalência ao que ele é como sujeito do inconsciente. (Lembremos que para Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro em nós subjetivado).*

Por essa via, o sujeito se realiza na perda em que surgiu como inconsciente, mediante a falta que produz no Outro... Aqui, um nem a- é convocado a suprir outro nem à-." Pag. 856/857.

Só para esclarecer essa notação, que eu diria um pouco rara, de um $a-$ e $a'-$, gostaria de lembrar-lhes que ela aparece no Seminário 10, "A angústia", no momento em que Lacan trabalha a caducidade do objeto a em suas várias facetas como algo que cai do corpo, ele também faz referência a queda do objeto a como a detumescência do pênis depois do ato sexual e diz o seguinte:

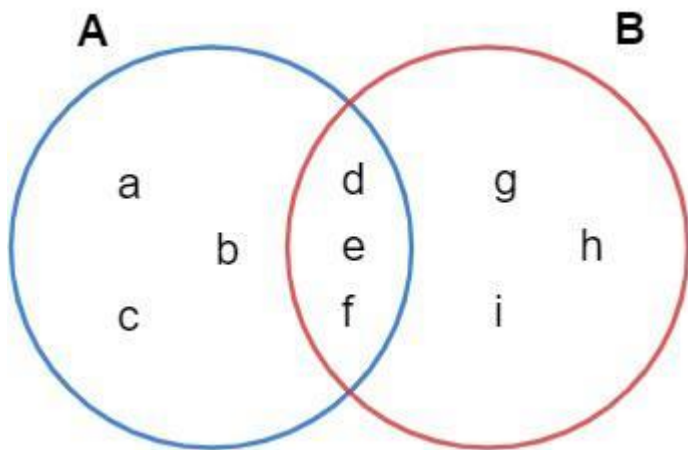
"É por funcionar na cópula humana não apenas como instrumento do desejo, mas também como seu negativo, que o falo se apresenta na função de a com o sinal negativo." Pg. 194.

Voltamos então à alienação, para dizer que ali tratava-se do vel , ou, (novo) já na separação, a operação lógica é a intersecção (\cap) e traz o "e" como nem, nem. Tanto o sujeito como o Outro só podem advir na hiância que estrutura o inconsciente a partir do ponto de intersecção e o que se articula aí é a condição de falta do sujeito e do Outro. Para ilustrar esta operação em teoria dos conjuntos vamos supor dois conjuntos:

Conjunto A {a,b,c,d,e,f} e o conjunto B {d,e,f,g,h,i}

Para a operação de $A \cap B$, teremos o seguinte conjunto: {d,e,f}

Círculos de Venn para intersecção \cap

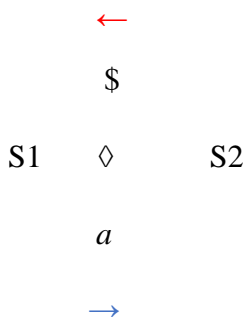


Tendo exposto as linhas de consequências lógicas trabalhadas por Lacan com a questão do vel , penso que seria interessante adiantar um pouco mais o seu pensamento na sua utilização daquilo que ele definiu como um algoritmo, diz ele:

“Processo de borda, processo circular, a relação em questão é para ser suportada por esse pequeno losango de que me sirvo como algoritmo em meu gráfico precisamente, porque ele é necessário de ser integrado a alguns dos produtos acabados dessa dialética.

Atenhamo-nos a esse pequeno losango. É uma borda, uma borda que funciona. Basta provê-lo de uma direção vetorial, aqui no sentido inverso dos ponteiros de um relógio — isso se regula pelo fato de que, pelo menos em nossos escritos, vocês leem as coisas da esquerda para a direita.” Pg.198

É o que vamos ver operando nos matemas da fantasia ($\$ \diamond a$) e no da pulsão ($\$ \diamond D$). Fantasia que, afinal, tem seu lugar na hiância onde os termos algébricos de Lacan para o sujeito e o *objeto a* fazem sua aparição num movimento circular anti-horário.



Seguindo com o que disse no início, nesta forma de pensar a separação, temos novamente o entrelaçamento do sujeito e do Outro na falta que os articula e isso pode ser compreendido, se quisermos pensar assim, como *imissão de outredade*. A falta de um, articulada à falta do outro nos remete a figura dos dois toros abraçados e a implicação da demanda de um ao desejo do outro.

Retomando a condição do sujeito como *fai ding*, como evanescente do lado da alienação, teremos a partir da posição de separação na interseção formada pela falta de ambos a possibilidade da assunção de uma condição de objeto representada pelo matema da fantasia: ($\$ \diamond a$) O sujeito pode advir então como objeto no campo do desejo do Outro.

Sobre essa questão, Lacan já havia dito o seguinte no Seminário 10, “A angústia”:

“...ali onde existe no discurso o que vocês articulam como sendo vocês, em suma, ali onde vocês dizem Eu (Je), é propriamente aí que, no nível do inconsciente, situa-se a. Nesse nível, vocês são o a, o objeto, e todos sabem que isso é que é intolerável, e não apenas no discurso, que afinal o atrai.”pg. 116/17.

Seguindo o que estava apresentando quanto à separação, retomo Lacan quando faz um jogo de palavras a partir de seus recortes etimológicos para alinhar *separare* do Latim, que significa separar à *se parere*, que implica a ideia de gerar a si mesmo, parir-se. Diz ele:

“Separare, se parere: para se enfeitar com o significante ... (e aqui, o editor, nos informa numa nota de rodapé que: se parer du signifiant: além de significar “gabar-se ou vangloriar-se”, equivoca com séparer (separar em francês); parer significa “proteger, desviar, aparar, enfeitar e ornamentar.”) Retomando a citação de Lacan ... sob o qual sucumbe, o sujeito ataca a cadeia, que reduzimos à conta exata de um binarismo, em seu ponto de intervalo. O intervalo que se repete, estrutura mais radical da cadeia significante, é o lugar assombrado pela metonímia, veículo, ao menos como ensinamos, do desejo.

Seja como for, é sob a incidência em que o sujeito experimenta, nesse intervalo, uma Outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido com que um discurso o solicita, que ele depara efetivamente com o desejo do Outro, antes mesmo que possa sequer chamá-lo de desejo, e muito menos imaginar seu objeto.

O que ele coloca aí é sua própria falta, sob a forma da falta que produziria no Outro por seu próprio desaparecimento. Desaparecimento que, se assim podemos dizer, ele tem nas mãos, da parte de si mesmo que lhe cabe por sua alienação primária. Mas o que ele assim preenche não é a falha que ele encontra no Outro, e sim, antes, a da perda constitutiva de uma de suas partes, e pela qual ele se acha constituído em duas partes. Nisso reside a torção através da qual a separação representa o retorno da alienação. É por ele operar com sua própria perda, a qual o reconduz ao começo.” Pag. 857/858.

Aqui se entende melhor o que Lacan enunciou sobre a relação de alienação e separação como sendo circular, mas não recíproca: o que vai de alienação para separação é falta-a-ser e o que retorna de separação para alienação é a possibilidade de sua realização como objeto. Não como um objeto especularizável qualquer, mas um objeto capaz de articular a falta do sujeito à falta do Outro na hiância que os revela em imisção de outredade.

A relevância desse conceito para a clínica, parece a única razão que poderia sustentar o intento que me propus elaborar. A pergunta essencial é: levar em consideração a posição subjetiva como comportando *imisção de outredade* nos coloca diante de um modelo que potencializa a intervenção do analista? Pensar o sujeito como fruto dessa

interdiscursividade, é um novo instrumento que modifica a escuta analítica? O discurso que o analisante profere e toma como seu, de fato, o é?

Trago um momento da clínica de uma colega que supervisionei, e já peço condescendência pela ligeireza. Uso o caso para ilustrar como os discursos que nos revelam, às vezes, podem vir, efetivamente, do outro. Com o advento dos atendimentos online, um analisante que, para tudo, atribuía responsabilidade de seu sofrimento a sua mulher e não era capaz de ouvi-la em seus reclamos, aparentemente sensatos, como por exemplo: como pode alguém que está endividado por coisas básicas, resolver comprar um carro financiado? A vivência do analista era a de estagnação no processo analítico, mas eis que um dia o analisante, no monitor, começa sua sessão dizendo: “minha mulher que falar com você”. O primeiro impulso do analista é tomar a proposta como uma tentativa de invasão do *setting* de seu paciente, mas, felizmente para o andamento da análise e talvez sintonico com a calma que o paciente lhe transmitia, ele pergunta o que o paciente achava disso. A resposta dele foi bastante interessante, pois com a mesma calma ele disse ao analista que achava importante que a esposa fosse ouvida, já que tinha coisas a dizer sobre ele que ele considerava significativas para ele e que só ela poderia dizer.

Só para dar um desfecho pelo menos razoável ao relato, conto a vocês que a esposa do analisante fez uma narrativa calma e ponderada das questões que achava importantes para que o casal se organizasse de forma diferente. O que destaco aqui é que esse discurso também pode ser entendido como sendo do paciente, mas cindido no outro e na falta dele o que lhe restava era um sem fim de queixumes e atuações colocados numa cena imaginária que aprisionava a ambos. A integração desse campo de discursividade sustentado na mulher e apontado pelo analista, permitiu ao analisante poder, em certa medida, integrá-lo de forma simbólica como um recurso que ele também poderia usar.

Encerro esse trabalho salientando que é nesse sentido que acredito que a clínica pode ser tomada como um campo de imissão de outredade e que pensar dessa forma pode trazer uma importante ferramenta para a clínica.